

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# PAISAGEM E POVOAMENTO RURAL NO TROÇO MÉDIO DO VALE DO GUADIANA ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E A IDADE MÉDIA

João António Ferreira Marques / CHAIA – Centro de História da Arte e da Investigação Artística / Universidade de Évora / jmarques64@gmail.com

## RESUMO

A problemática da transição do mundo antigo para o mundo medieval tem ocupado vários investigadores, mas do ponto de vista do povoamento rural para a região Sul de Portugal, a questão não tem sido investigada de forma sistemática através da análise de um território restrito. No final dos anos noventa do século XX foi empreendido na região do Alentejo, no vale do rio Guadiana, um programa de minimização dos impactos sobre o património arqueológico resultantes da construção da barragem de Alqueva. A partir dos dados então obtidos procura-se efetuar a caracterização da paisagem rural do troço médio do Guadiana, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, tentando responder como se processaram, nesse ambiente, os fenómenos de transição socio-económica e de aculturação, com evidentes continuidades.

## ABSTRACT

The transition from the ancient to the medieval world has been focused by several researchers but, from the point of view of rural settlements in the Southern region of Portugal, the issue has not been systematically investigated through the analysis of a restricted territory. In the late 1990s, a program to minimize the impacts on the archaeological heritage resulting from the construction of the Alqueva dam was undertaken in the Alentejo region, more precisely in the Guadiana River valley. From the obtained data, a characterization of rural landscape of the Guadiana's middle section has been made, between Late Antiquity and the Middle Ages, in an attempt to understand how socio-economic and acculturation phenomena evolved during this transition.

## 1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

Os trabalhos arqueológicos relativos ao Bloco 14, Medieval/Moderno, desenvolveram-se na área da Bacia do Degebe e em Reguengos, a sul do Álamo, no âmbito das medidas de minimização de impactos negativos sobre o património arqueológico da Barragem de Alqueva, tendo como objectivo avaliado o respectivo valor científico e patrimonial de 33 sítios e, numa fase posterior, efectuada a recolha e registo exaustivo da informação das estações mais significativas. Entre 1997 e 2000 foram efectuadas três campanhas de trabalhos em 29 dos sítios iniciais, tendo sido concluídos em 2001-2002.

A área abrangida situa-se nos concelhos de Reguengos de Monsaraz e de Portel, Distrito de Évora, na

região do Alentejo, no Sul de Portugal nos vales do rio Guadiana e do rio Degebe, no concelho de Reguengos de Monsaraz, freguesias de Campinho e de Campo e no concelho de Portel, freguesias de Amieira e de Alqueva (Figura 1).

Reguengos de Monsaraz é confinado a Norte pelos concelhos de Redondo e Alandroal, a Este pelo concelho de Mourão, a Sul pelos concelhos de Moura e Portel e a Oeste pelos concelhos de Évora e parte do de Portel, abrangendo uma área de cerca de 474 km<sup>2</sup>. O concelho de Portel ocupa uma área de cerca de 601 km<sup>2</sup>.

Esta região é dominada pelo rio Guadiana que é um dos maiores rios da Península Ibérica que apresenta caudais sazonais irregulares, que ou originam cheias catastróficas ou estiagens prolongadas sem periodi-

cidade fixa atravessando áreas com características climáticas semi-áridas. Do ponto de vista geológico esta área integra-se na denominada “Zona de Ossa-Morena”, que abrange não só parte do actual Alentejo como da confinante Extremadura, e que é formada por rochas metamórficas paleozóicas, acompanhadas por rochas ígneas e por coberturas sedimentares terciárias e quaternárias (Angelluci, 2003, 8).

A região tem clima mediterrânico com influência atlântica proporcionando Verões quentes e secos e Invernos curtos e chuvosos. A maioria dos solos são esqueléticos, com elevados riscos de erosão, afloramentos rochosos e muito baixa fertilidade. Têm uma fraca produtividade sendo, na sua maioria, rochosos e coberta por mato. Predomina a grande propriedade latifundiária com culturas extensivas e zonas de caça. As culturas predominantes são a vitivinicultura, a olivicultura e a cerealífera.

Esta região encontrar-se-ia centrada, pelo menos desde a Idade do Ferro, em Évora, a *Liberalitas Iulia Eborae* romana, integrou a província da Lusitânia, com capital em *Augusta Emerita*, actual Mérida, no respectivo *Conventus Emeritensis*. No período emiral e califal, este território encontrar-se-ia na área de influência da *kura* de Mérida, até à fundação de Badajoz em 875, que com a fragmentação do Califado de Córdoba, no início do século XI e até à invasão almorávida em 1094, foi sede de um reino taifa que dominou grande extensão da península.

À islamização e arabização do território sucede, após a conquista cristã, nos séculos XII e XIII, um modelo político, económico e social senhorial. Mon-saraz foi conquistada em 1167, por Geraldo Sem Pavor tendo o primeiro Foral sido concedido por D. Afonso III, em 15 de Janeiro de 1276. Já o concelho de Portel tem origem a partir de 1257, quando D. João Peres de Aboim, que viria também a ser conhecido por D. João de Portel, entra na posse de uma extensa área, destacada do concelho de Évora, sendo outorgado à vila foral em 1262. O modelo senhorial com base no latifúndio foi-se adaptando às alterações sócio-políticas mantendo como característica a exploração de mão-de-obra desapossada da terra, numa persistente longa duração neste território até meados do século XX.

## 2. SÍTIOS INTERVENCIONADOS E PRINCIPAIS RESULTADOS

Não se pode deixar a nota que no âmbito dos trabalhos do Bloco 14 foram escavados quatro sítios que se verificaram tratar-se cronologicamente da Idade do Ferro: Espinhaço 9, Monte Roncanito 2A, Monte Roncão 11 e Monte Roncanito 4. Estes apresentam como factor comum o seu carácter habitacional e doméstico, materializado nos espólios recolhidos e num conjunto de soluções arquitectónicas pautadas pelo recurso ao material pétreo local, recuperado no entorno directo dos habitats, apresentando características comuns a alguns habitats rurais do Alentejo Central e da Extremadura (Marques & *alii*, no prelo). Relativamente aos sítios intervencionados, o Cabeçana 4 revelou-se um dos mais importantes do conjunto tendo sido possível identificar dois núcleos, certamente relacionados entre si e que corresponderá a um assentamento rural de uma pequena comunidade, como uma família alargada, dada a abundância de grandes contentores exumados, tendo sido interpretado como um espaço rural ou habitação rural permanente ligada a uma exploração alargada, apontando-se para uma ocupação contínua desde meados do século V até ao final do século VIII, apresentando o espaço evidências de adaptações a novas necessidades e condições que levaram a diferente compartimentação dos espaços (Marques & *alii*, no prelo) (Figura 2 e 3).

O sítio Espinhaço 7, que se encontrava muito destruído, mas que ainda assim revelou uma estrutura de habitat, apontando, o muito fragmentado espólio cerâmico, a um enquadramento cronológico lato e impreciso, na Alta Idade Média, entre os séculos VI e VIII.

Na proximidade deste sítio arqueológico, junto da mesma linha de água tributária do rio Guadiana, encontra-se o Espinhaço 11, porventura um habitat de que somente restava o material que eventualmente constituiu os muros da estrutura, como pedras em quartzo e xisto, e a cerâmica de construção constituída por fragmentos de telha. Situou-se cronologicamente a sua ocupação, também de forma imprecisa, na Alta Idade Média.

As sondagens efectuadas no sítio Monte Roncanito 13 permitiram identificar, apesar de este se encontrar muito destruído, uma estrutura pétreo e exumar algum espólio cerâmico com interesse, apontando para uma ocupação no período de transição entre a

Antiguidade tardia e o período islâmico, possivelmente centrada à volta dos séculos VIII-IX.

A proximidade deste sítio com o similar do Monte Roncanito 14 sugere a possibilidade de existir um povoamento baseado em pequenos casais agrícolas, eventualmente em conexão uns com os outros.

Noutra área, situa-se o Monte Roncão 13, também muito afectado pelos trabalhos agrícolas mas que revelou estruturas habitacionais bem organizadas e que cronologicamente se situou, de forma imprecisa, e de acordo com as características técnicas do espólio que se assemelhava ao de outros conjuntos, na transição entre a Antiguidade tardia e a Alta Idade Média, séculos VII e X.

Já o sítio Monte Roncanito 10 desdobrava-se numa plataforma alongada onde se identificaram três núcleos com ocupação simultânea. O núcleo principal de habitação, de razoáveis dimensões e onde se concentra quase todo o espólio encontrado, estava implantado num dos extremos da plataforma, próximo dos caminhos actuais, e deveria ter sido composto por vários espaços, tendo sido edificado com recurso a uma variedade de técnicas construtivas que revelam uma diversidade significativa de soluções na utilização da matéria-prima local, em que o pavimento consistiria no afloramento xistoso regularizado. A cerca de 130 m encontrava-se a estrutura designada como Monte Roncanito 10B, de difícil caracterização devido à escassez dos vestígios murários e do espólio, mas a homogeneidade de técnicas e materiais permite considerar tratar-se contemporânea, constituindo uma dependência de apoio do núcleo principal, com cerca de 10 m<sup>2</sup>, que poderia servir como curral.

A cerâmica exumada evidencia tratar-se sobretudo de produções de carácter regional que remetem para relações com núcleos urbanos onde as trocas com outras áreas geográficas seriam frequentes, de que será exemplo o achado de um fragmento de candil, reunindo características que encontramos em conjuntos cerâmicos urbanos em cronologias dos séculos IX-XI. Esta estação parece tratar-se, assim, de um conjunto habitacional sendo algumas das estruturas dedicadas à residência e outras, eventualmente a atividades agro-pastoris.

O sítio Monte Roncanito 18 encontrava-se quase totalmente destruído. Subsistiam vestígios de uma estrutura habitacional com pelo menos uma divisão, constituídos por escassos restos de muros em perpianho, com enchimento de terra argilosa, e blo-

cos pétreos de quartzo e xisto menores, com vestígios no seu interior, junto do vão de acesso, de um nível de pavimento de terra batida, tendo sido aqui exumada grande quantidade de telha. A tipologia construtiva, com base na matéria-prima local, terra, xisto e quartzo, é similar a grande parte dos restantes sítios com cronologias coevas, como é o caso do Monte Roncanito 10, apontando os vestígios para uma ocupação centrada no período islâmico, nos séculos X-XII.

Os trabalhos efetuados em Cabeçana 3 permitiram evidenciar o elevado grau de destruição do sítio tendo somente revelado a presença de dois troços de muros de uma estrutura, de planta desconhecida, construídos em xisto e quartzo de pequeno e médio calibre com um ligante de terra argilosa. A ausência de materiais arqueológicos expressivos impediu determinar uma cronologia concreta, embora os traços gerais indiquem uma atribuição alargada no período medieval/moderno.

Já a estrutura quadrangular identificada no sítio Espinhaço 4 deverá corresponder a um pequeno habitat ou a uma instalação de apoio aos trabalhos agrícolas no meio rural. O espólio encontrado pouco contribuiu para esclarecer a cronologia do sítio, tendo sido genericamente enquadrado no período medieval.

A proximidade deste sítio com o de Espinhaço 5, junto à mesma linha de água tributária do rio Guadiana, permite equacionar um padrão de implantação de pequenos casais agrícolas, disseminados em pequenas elevações junto aos interflúvios e pequenas várzeas, que, apesar do seu grau de destruição, não deixam de ser relevantes para o entendimento do modelo de povoamento rural medieval desta área (Marques & *alii*, no prelo).

O Monte Roncão 10, apesar de se encontrar completamente arrasado, com uma quase total ausência de estruturas murárias, apresentou o mais numeroso espólio deste conjunto de sítios, o que permitiu a sua ampla análise. No local deveria ter existido um conjunto habitacional de grandes dimensões, onde foram identificados três núcleos de estruturas separadas entre si e que, ou poderiam pertencer a um único complexo, com espaços abertos interiores, como pátios, ou logradouros, ou a um habitat com distintos espaços de utilização.

No espólio cerâmico exumado dominam as formas de cozinha, de armazenamento e de transporte, aumentando significativamente a percentagem de loiça de mesa, devido a uma maior influência dos

meios urbanos, sobrevivendo no entanto formas muito rudimentares, características endêmicas do mundo rural onde o sítio se insere, enquadrando-se o espólio recolhido entre os séculos XIV e XVI, com predominância das formas dos séculos XIV e XV (Marques & *alii*, no prelo).

O Monte Roncão 10 destaca-se assim como um habitat rural do período cristão, posterior à conquista feudal, revelando uma cultura material que destaca a singularidade do sítio neste contexto rural.

O Monte Barbosa 5 encontrava-se muito destruído pelas lavras agrícolas, facto que pudemos visualizar após os trabalhos arqueológicos, sendo os dados recolhidos sobretudo correspondentes à cerâmica recolhida, nomeadamente de construção, e de uma estrutura negativa, de onde se exumou variado espólio cerâmico que evidencia a existência de uma ocupação permanente entre finais da Idade Média e os inícios do período moderno, séculos XV-XVI.

O sítio arqueológico Cabeçana 7 enquadra-se no panorama geral das ocupações medievais/modernas da área, correspondentes a habitats localizados sobre pequenas elevações próximas de linhas de água de cariz sazonal, com vestígios de construções muito afectadas pelos trabalhos agrícolas. No local foram identificados três troços de muros, construídos sobre o afloramento rochoso, que integravam um complexo habitacional com diferentes espaços interiores. A exiguidade dos vestígios apenas permite supor a existência de um pequeno habitat, provavelmente de cariz rural, com uma ocupação bastante limitada no tempo, em que a análise da cerâmica exumada aponta para uma cronologia de finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna, séculos XIV a XVI.

Em Monte Musgos 3 foram efectuados trabalhos de limpeza e sondagens que permitiram a identificação de uma estrutura pétreia em xisto e argamassa composta por três muros. A sua funcionalidade afigurou-se, contudo, desconhecida, dada a exiguidade da área escavada e em virtude da suspensão dos trabalhos face à presença de cerâmicas manuais pré-históricas provenientes de ocorrências do topo da rechã e que permitiram a identificação do habitat Monte Musgos 11. Já a prospeção nas imediações do sítio nas margens do rio permitiu a identificação de outras estruturas murárias, que foram sumariamente limpas e que apontam para uma ocupação do local medieval ou moderna, que poderia estar também relacionada com a travessia do rio, ou com uma estrutura de apoio à mesma.

Em Espinhaço 5 foi identificada uma única construção, aparentemente isolada, de planta rectangular, construída com as técnicas comumente utilizadas nos restantes sítios intervencionados. O espólio recolhido é muito pobre e contribuiu pouco para esclarecer as características funcionais e a cronologia da ocupação do sítio indiciando poder tratar-se de um espaço de habitação, que foi cronologicamente situado no final da Idade Média ou inícios do período moderno, nos séculos XIV a XVI.

O grau de destruição do sítio Monte Roncanito 14, situado nas proximidades do Monte Roncanito 13, impede qualquer tipo de conclusão para além de enquadrar o sítio, de forma vaga, num contexto rural de época medieval/moderna, onde só a presença de telha, e de um pequeno silo e dos três outros fragmentos cerâmicos evidencia ocupação atópica.

As sondagens efectuadas no núcleo designado como Monte Roncanito 2 permitiram identificar uma sepultura isolada de cronologia imprecisa e eventualmente violada.

Já os trabalhos no Monte Roncão 12 correspondem a um pequeno assentamento rural, com estruturas cuja forma não foi possível definir na sua totalidade, e com um espólio reduzido e inexpressivo mas que aponta para um espaço de habitação com uma cronologia de ocupação imprecisa, que se situará entre o final da Idade Média e o início da Época Moderna (séculos XIV a XVI).

Os resultados da intervenção no Monte do Balanco, situado na margem direita do Degebe, também foram limitados pela destruição provocada pelos trabalhos agrícolas, traduzidos em abundantes vestígios superficiais e escassos restos construtivos preservados. Das cerâmicas exumadas depreende-se a utilização num contexto habitacional eventualmente existente no local. Esta estação parece representar uma ocupação num contexto cronológico já tardio na Época Moderna.

O conjunto das estruturas escavadas no em Monte Roncanito 23 parece traduzir um sítio rural com especialização funcional das construções observadas em três áreas. No Sector 1, uma estrutura secundária, provavelmente usada para o armazenamento de produtos agrícolas e/ou como curral, e que estaria ligada ao espaço observado no Sector 2, a área se situaria a estrutura de cariz habitacional, dadas as suas dimensões e a presença de outras estruturas secundárias como os silos. A grande quantidade de telha decorada exumada e o restante espólio cerâmico

recolhido sugerem, apesar da estratigrafia revolvida, uma ocupação permanente. No Sector 3 a reduzida área escavada não permitiu avançar uma interpretação da funcionalidade da estrutura e a correlação com as identificadas nos outros sectores. Este sítio constituía assim um pequeno complexo agrícola, cuja ocupação e destruição parecem estar bem delimitadas num curto espaço de tempo, provavelmente em meados do século XVII.

O Monte da Tapada 40, apesar da limitada a área escavada, revelou-se fértil em achados, permitindo vislumbrar um conjunto habitacional, um monte, com uma ocupação de meados do século XVII. Estes vestígios parecem determinar encontrarmo-nos, pelo menos, perante quatro compartimentos o que atesta uma dimensão relativamente grande da estrutura detectada. O espólio encontrado, dada a sua quantidade e qualidade, atestam também a importância que da ocupação em presença (Marques & *alii*, no prelo).

No Monte Roncanito 26 foi identificada e escavada integralmente uma estrutura que devia, em tempos muito próximos, ter constituído parte de uma estrutura sazonal de apoio aos trabalhos no campo, tendo servido de corta-vento para a lareira detectada, pelo que o seu interesse se pode considerar de âmbito etno-arqueológico. No entanto, o espólio exumado indica uma possível datação que poderá centrar-se nos finais do século XVII ou ao longo do século XVIII.

O sítio designado como Rocha da Gramacha 2 encontra-se implantado em duas plataformas junto ao rio Guadiana, próximo da formação rochosa que lhe dá o nome, onde se situava uma eventual fortificação. Aqui os trabalhos arqueológicos procederam à limpeza das estruturas que eram visíveis e que se encontravam em relativo bom estado de conservação, tendo-se identificado uma habitação com uma única divisão, com lareira e, no exterior da mesma e em anexo, um forno em alvenaria. O espólio cerâmico recolhido demonstra um aprovisionamento de bens de consumo em meios urbanos, em olarias que dominam técnicas de fabrico elaboradas e que utilizam pastas bem tratadas e depuradas, em que o reportório funcional e o requinte no vasilhame utilizado variado indicam uma certa capacidade de aquisição (Marques & *alii*, no prelo). Cronologicamente, aponta-se para uma ocupação de época moderna/contemporânea, pelo conjunto cerâmico e a presença, atestada pela presença de uma moeda de D. José I, da segunda metade do século XVIII, encontrada *in situ*.

O sítio do Monte Barbosa 7, distando cerca de 200 metros do Monte Barbosa 5, revelou uma sequência estratigráfica homogénea, pautada pela escassez do solo local e pela ausência de níveis arqueológicos conservados. A estrutura identificada, de construção pétrea de xisto de grandes blocos aparelhados com terra e em pedra seca e de forma semicircular, foi classificada como um chafurdo, de técnica construtiva e dimensões com paralelos com outras estruturas do mesmo tipo conhecidas na região, e associado a uma rede de construções de apoio às actividades agro-pecuárias e, eventualmente, ao próprio sítio Monte Barbosa 5.

As sondagens realizadas no sítio do Monte Roncanito 17 permitiram observar uma estratigrafia bastante reduzida e homogénea, tendo-se identificado duas estruturas circulares (alvéolos), parcialmente destruídas pelas lavras, construídas com pedra de xisto, aparelhadas com um ligante constituído de terra mais argilosa. O espólio associado não permite grandes considerações sobre o local, cuja cronologia deverá situar-se no período contemporâneo, tendo por base as cerâmicas vidradas. Estas estruturas têm paralelos noutras conhecidas localmente, no concelho de Reguengos de Monsaraz, caso de Defesinha 11 (Silva, 1999, p. 223) e que são caracterizadas funcionalmente como chafurdos.

O sítio Monte Roncanito 5, apesar de se encontrar quase totalmente destruído, ainda possibilitou a recolha de um conjunto de dados com algum interesse arqueológico, nomeadamente a estrutura identificada, que poderá eventualmente corresponder aos vestígios de um chafurdo circular e pelo espólio cerâmico exumado, que aponta para uma datação em torno aos séculos XIX-XX. Dada a proximidade deste sítio com o do actual Monte Roncanito, sugere que se pode tratar de uma estrutura de apoio à produção suína desse núcleo rural.

Já a área Espinhaço 6 revelou-se estéril em termos arqueológicos tendo os vestígios da estrutura aqui existente sido interpretados como sendo etno-arqueológicos, correspondentes a um chafurdo, bastante recente, de meados do século XX.

## PROBLEMÁTICA DO POVOAMENTO RURAL

A história local e a micro-história das comunidades rurais não têm sido um objecto de estudo procurado pelos investigadores.

Deste modo, também não tem sido avaliada a incidência que sobre os pequenos núcleos rurais exerceram as várias culturas que, sobretudo ao longo da Idade Média, se sobrepuseram no território da Península Ibérica.

De acordo com estudos comparativos entre várias regiões do antigo Império Romano, ao longo dos séculos V, VI e VII produziram-se uma série de crises ligadas à contracção e desequilíbrio do sistema de trocas e a um processo de recuo e de reduzida continuidade urbana, produzindo uma cultura material menos complexa que a tardo-romana. O século VIII surge assim como um período de reduzidas trocas no mediterrâneo assinalando-se a natureza regional dos sistemas económicos, que se tornam predominantemente locais (Wickham, 2004, p. 27 e 32).

Esta problemática da transição do mundo antigo para o mundo medieval, nomeadamente do povoamento rural islâmico na região Sul de Portugal, tem ocupado vários investigadores, destacando-se as abordagens de Cláudio Torres (1992 e 1995), e os trabalhos de H. Catarino (1997/1998) e de James Boone (2001).

Na área de estudo, os solos magros, pouco propensos à agricultura, deixam entrever uma exploração baseada sobretudo na pastorícia, podendo-se especular sobre a existência já em períodos históricos remotos de um sistema agro-pecuário baseado no montado de sobro e azinho.

Este fraco conjunto de recursos sustentou durante centenas de anos, pequenas comunidades camponesas distribuídas num povoamento disperso nos terrenos do troço médio do vale do Guadiana, na área situada entre os rios Degebe e Guadiana, funcionando como elemento condicionante ao tipo de povoamento e ao modelo de exploração económica destas comunidades (Marques & *alii*, no prelo).

A maioria dos sítios analisados localizava-se em rechãs ou pequenas plataformas situadas nas zonas interfluviais, junto a talvegues pouco pronunciados e, nalguns casos, em terraços fluviais ou junto a pequenas várzeas abertas, que denuncia um padrão de assentamento baseado sobretudo na proximidade dos tributários do rio Guadiana, principal recurso da área de estudo e nas suas linhas de água subsidiárias (Marques & *alii*, no prelo).

Quanto à organização e modelo do habitat, o conjunto das estações intervencionadas foi agrupado em três principais tipos de sítios: por um lado os montes, conjuntos formados por moradia e edifi-

cações de apoio para unidades agrícolas de reduzida dimensão, onde viveria ou uma família nuclear ou uma família alargada; por outro lado as casas de apoio a trabalhos agrícolas, com ocupações ainda que eventualmente sazonais, podendo também observar-se uma variante correspondente a um grupo de pequenos casais, constituídos por edificações isoladas, eventualmente em conexão uns com os outros, articulando-se através do núcleo central do latifúndio; e por último as construções de apoio a actividades pastoris, como as pocilgas ou chafurdos, de acordo com a designação regional (Marques & *alii*, no prelo).

São exemplos do primeiro grupo de sítios, os montes: temos o Cabeçana 4, com ocupação sobretudo alto medieval (séculos V-VIII), o Monte Roncanito 10 (séculos IX-XI), o Monte Roncão 10, habitat da Baixa Idade Média (séculos XIII-XIV), e ainda os sítios atribuídos ao período moderno, Monte Roncanito 23 (século XVII) e Monte da Tapada 40, além de hipoteticamente se poder integrar neste grupo o arrasado Monte Barbosa 5.

Verifica-se que em todos os períodos encontramos este tipo de estruturas que, embora com localizações diferentes, espelham a continuidade de uma forma específica de ocupação do território em que prima a proximidade do grupo camponês ao meio que lhe providencia o sustento (Marques & *alii*, no prelo).

No segundo grupo tipológico, as casas de apoio as actividades agrícolas, temos como exemplos o Espinhaço 4 e o Espinhaço 5, Rocha da Gramacha 2, em que a estrutura habitacional é reduzida ao mínimo para albergar uma família, e ainda, eventualmente, os muito destruídos Espinhaço 7 e Cabeçana 7.

O terceiro grupo, que se refere às construções de apoio a actividades pastoris, integra os chafurdos identificados no Monte Barbosa 7, no Monte Roncanito 5, no Monte Roncanito 17 e no Espinhaço 6. Pode-se ainda referir um subgrupo de apoio aos trabalhos do campo, constituído por uma lareira estruturada para apoio, por exemplo, aos trabalhos de ceifa, caso do Monte Roncanito 26.

O facto de os trabalhos arqueológicos se encontrarem limitados à cota 152 metros – nível pleno de armazenamento (NPA) da barragem de Alqueva – poderá explicar algumas das lacunas detetadas no povoamento e a serem desenvolvidas na linha de investigação que nos encontramos a desenvolver nesse âmbito: a ausência de espaços funerários bem estruturados e a aparente ausência de espaços de

sociabilidade, como no caso dos locais e edificações de culto.

Relativamente à tipologia dos edifícios e sua evolução, a estrutura mais complexa revelou ser na Antiguidade Tardia e na transição para o período islâmico, como se pode constatar no caso do sítio Cabeçana 4, que albergariam pouco mais do que uma unidade familiar alargada (Marques & alii, no prelo).

O estudo de uma tipologia de pequenos núcleos rurais, que habitualmente não são objecto de investigação devido à sua pobreza material, permitiram exumar elementos da cultura material das populações, que numa ampla diacronia, ocuparam e exploraram este território.

Sobretudo, por volta dos séculos VII-VIII, vai-se intensificar o processo de ruralização da sociedade que marca o início da Idade Média, que dá lugar a multiplicação de pequenos núcleos de povoamento em muitos casos alheios às influências urbanas, verificando-se que da Alta Idade Média até à conquista cristã, a ocupação deste território deverá ter mantido alguma continuidade populacional e de alguns aspectos da cultura material (Marques & alii, no prelo).

Também durante a Idade Moderna e mesmo até à Época Contemporânea verifica-se que vão persistir alguns destes modelos de povoamento e destas tipologias e técnicas construtivas.

## BIBLIOGRAFIA

ANGELLUCI, Diego E. (2003) – *Estudos de geoarqueologia no Castelo da Lousa – Mourão*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências (Cadernos do CIPA; 40). 42 p.

BOONE, James L. (2001) – Tribalism, Ethnicity, and Islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: Preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements. *Era*. Lisboa: Era, Arqueologia/Colibri. ISBN 0874-9701. N.º 4 (2001) pp. 105-121.

CATARINO, Helena (1997/1998) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. *al-'ulyā*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. N.º 6 (1997/1998) 3 vols., 1306 p.

MARQUES, João & alii (no prelo) – *Povoamento rural no troço médio do Guadiana entre o rio Degebe e a ribeira do Álamo (Idade do Ferro e períodos medieval e moderno)*. Bloco 14: – *Intervenções e estudos no Alqueva*.

SILVA, António Carlos (1999) – *Salvamento Arqueológico no Guadiana. Do inventário patrimonial à minimização dos impactes*. Memórias d'Odiana, n.º 1. Beja: EDIA. 416 p.

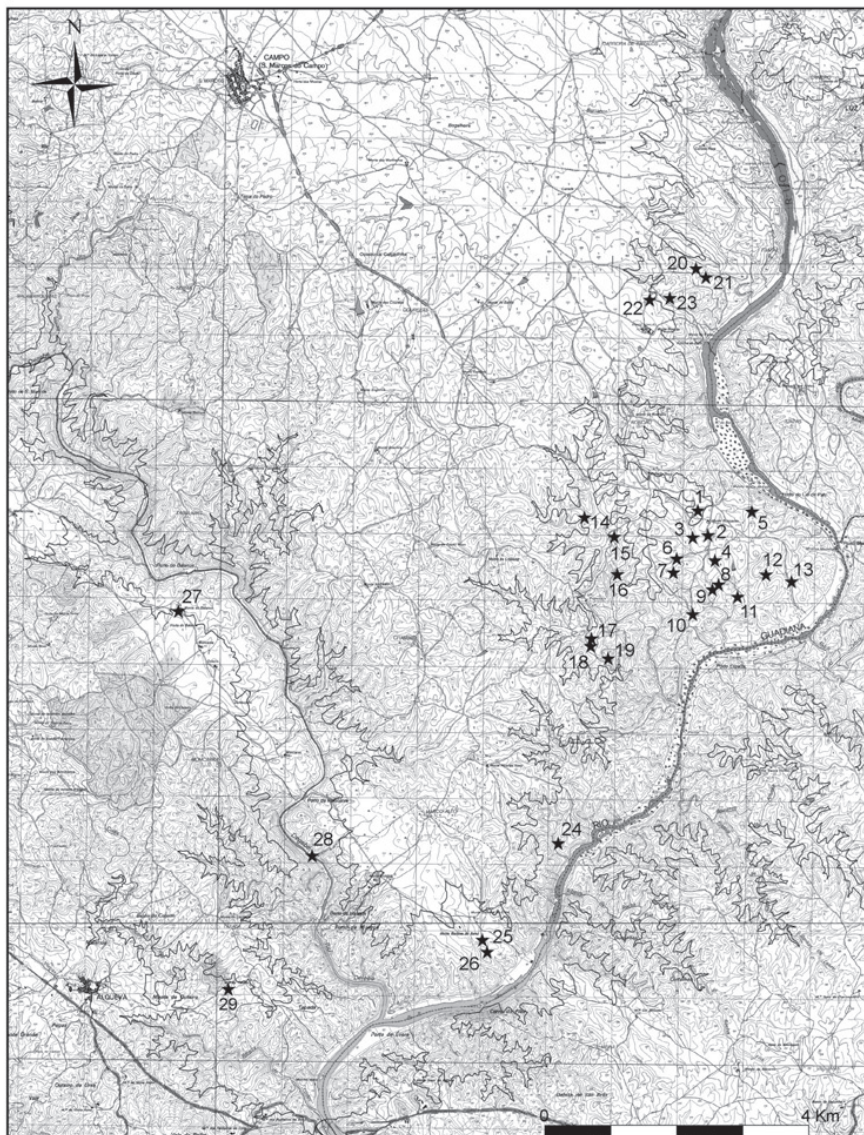
TORRES, Cláudio (1992) – Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. 1, pp. 189-202.

TORRES, Cláudio (1995) – O Garb Al-Andaluz. Identidade de um território. In *Actas do Seminário Identidade, Mudança e Criatividade: A Liderança do Futuro*. Lisboa: Ed. Academia Militar. pp. 15-29.

WICKHAM, Chris (2004) – Sobre la mutación socioeconómica de larga duración en occidente durante los siglos V-VIII. *Studia Historica. Historia Medieval*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 22, pp. 17-32.



Localização em Portugal Continental da área do regofo da Barragem de Alqueva.



- |                        |                         |                      |                          |
|------------------------|-------------------------|----------------------|--------------------------|
| 1 - Monte Roncanito 2  | 9 - Monte Roncanito 18  | 16 - Espinhaço 11    | 23 - Monte Roncão 10     |
| 2 - Monte Roncanito 5  | 10 - Monte Roncanito 23 | 17 - Espinhaço 4     | 24 - Rocha da Gramacha 2 |
| 3 - Monte Roncanito 4  | 11 - Cabeçana 3         | 18 - Espinhaço 5     | 25 - Monte Barbosa 5     |
| 4 - Monte Roncanito 10 | 12 - Cabeçana 4         | 19 - Espinhaço 6     | 26 - Monte Barbosa 7     |
| 5 - Monte Roncanito 26 | 13 - Cabeçana 7         | 20 - Monte Roncão 13 | 27 - Monte do Balanco    |
| 6 - Monte Roncanito 13 | 14 - Espinhaço 7        | 21 - Monte Roncão 12 | 28 - Monte Musgos 3      |
| 7 - Monte Roncanito 14 | 15 - Espinhaço 9        | 22 - Monte Roncão 11 | 29 - Monte da Tapada 40  |
| 8 - Monte Roncanito 17 |                         |                      |                          |

Zona de estudo do Bloco 14 e situação dos sítios arqueológicos - extracto das Cartas Militares Portuguesas (CMP) n.ºs 482, 491 e 501, à escala 1:25 000.

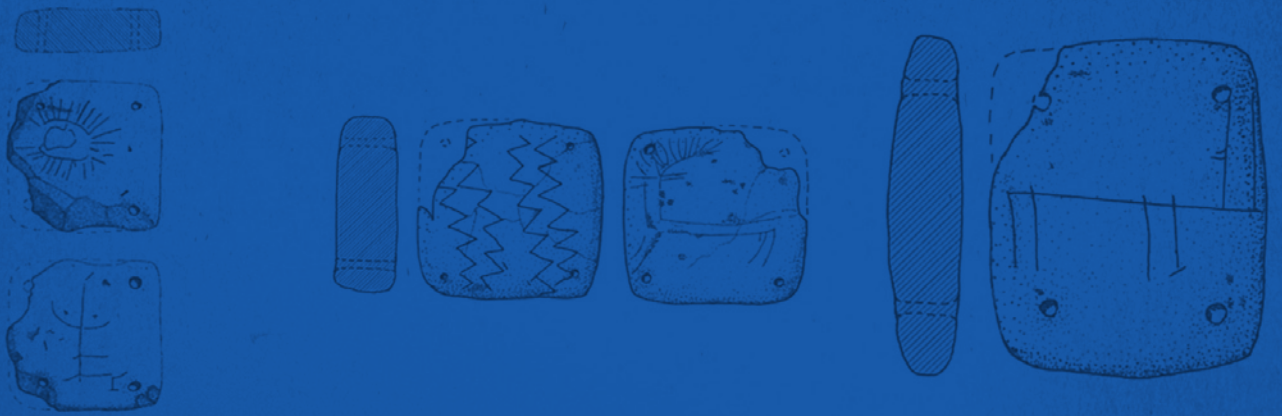
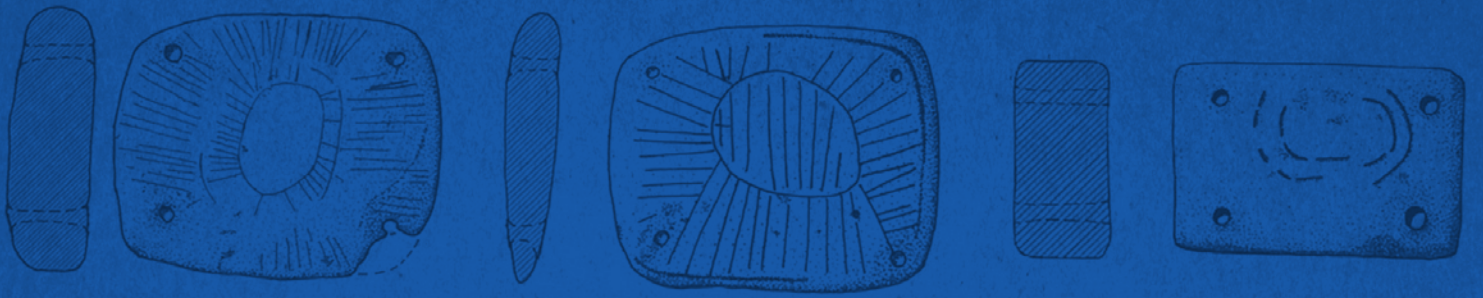
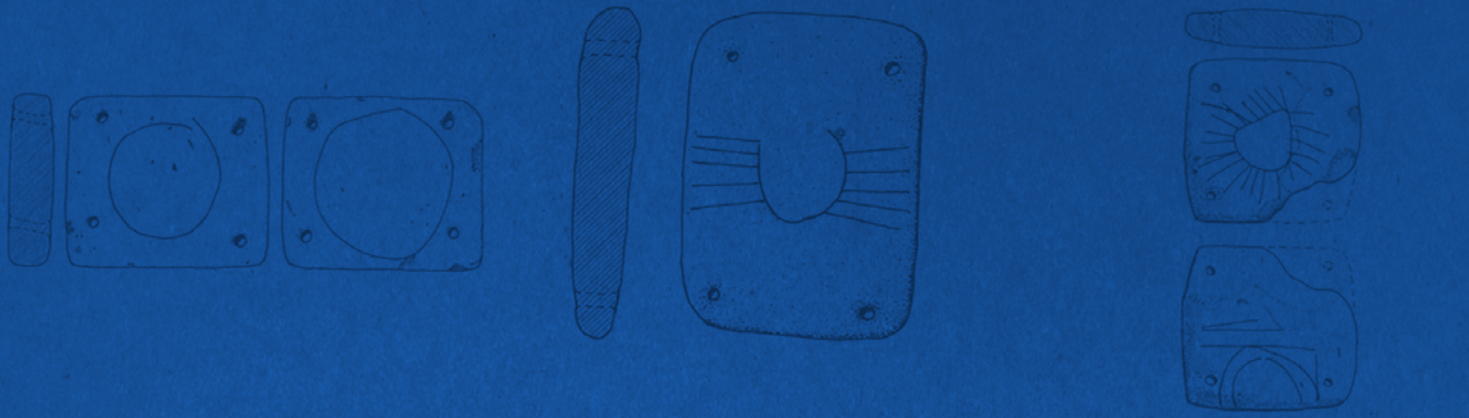
Figura 1 – Localização cartográfica da área de estudo e dos sítios intervencionados.



Figura 2 – Vista do regolfo de Alqueva desde o sítio Cabeçana 4, em 2002.



Figura 3 – Cabeçana 4, plano final.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua